



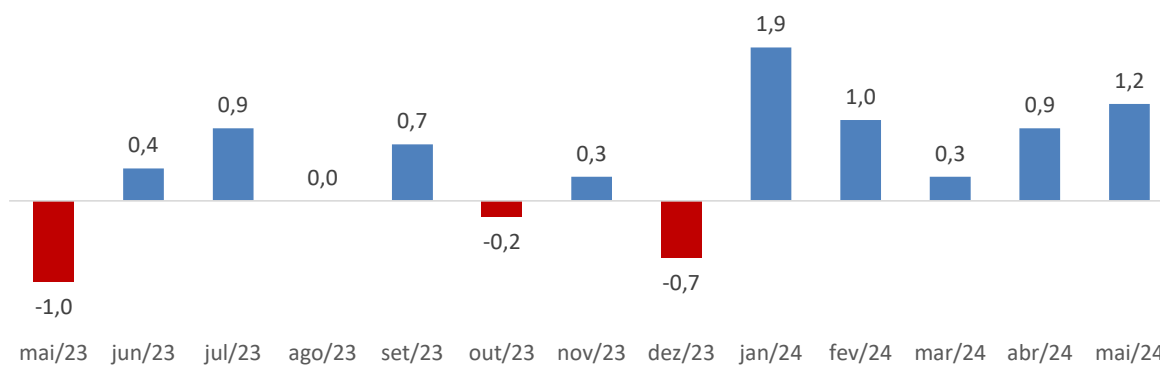
Edição Julho 2024

## VAREJO REGISTRA AVANÇO PELO 5º MÊS, MAS DEVE SENTIR EFEITOS DO REAJUSTE DOS COMBUSTÍVEIS

*Vendas voltam a surpreender em maio; entretanto, reajuste autorizado nas refinarias reforça realinhamento das expectativas de juros e inflação para 2024. Para este ano, a CNC revisou a previsão de crescimento das vendas de +2,1% para +2,2%.*

Após crescer 0,9% em abril, o volume de vendas do comércio varejista brasileiro avançou 1,2% em maio, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (11/07) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A expectativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) apontava queda de 0,6% em relação ao mês anterior. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a alta de 8,1% completou 12 meses seguidos de taxas positivas.

**QUADRO I**  
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO  
(Variações % em relação ao mês anterior com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE

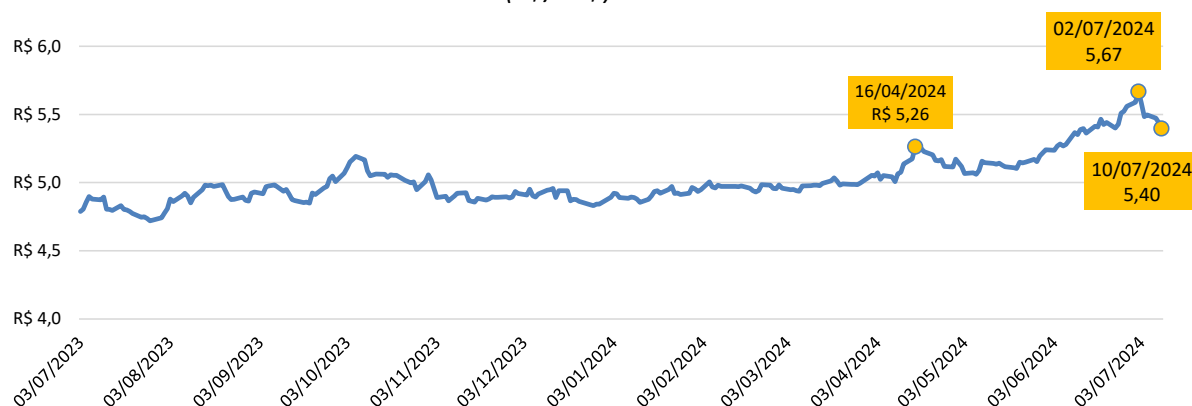
Na margem, a alta do varejo foi impactada pelos avanços de segmentos mais dependentes das condições de crédito, como artigos de usos pessoal e doméstico (+1,6%) – no qual há predominância de faturamento com a venda de eletroeletrônicos –, e pelo aumento no volume nas lojas de vestuário e acessórios (+2,0%). Até mesmo o segmento de móveis e eletrodomésticos, que experimentou retração de 1,2% em maio, não teve anulados os efeitos decorrentes do avanço de 2,0% em abril.

Por outro lado, no acumulado do ano, as vendas do varejo registram expansão em relação ao mesmo período de 2023 (+5,6%), graças a segmentos especializados na venda de itens essenciais, como hiper e supermercados (+6,6%) e farmácias e drogarias (+13,8%). Dessa forma, a cada mês, as vendas do varejo se distanciam positivamente do volume de vendas observado no mês que antecedeu a crise sanitária iniciada em 2020, apresentando crescimento de 9,9% em relação a fevereiro daquele ano. Este movimento é impulsionado justamente pelos segmentos supracitados, cujos desempenhos (+9,7% para hiper e supermercados e +40,4% para farmácia e drogarias) revelam um grau elevado de dependência do consumo essencial.

Entretanto, tanto a desaceleração da inflação – cujo acumulado em 12 meses se manteve abaixo de 4% entre março e maio – quanto a tendência de recuo significativo na taxa de juros ao consumidor podem inflexionar para cima, ao longo do segundo semestre deste ano, por conta da desvalorização cambial recente e seus desdobramentos sobre os preços dos combustíveis que têm na gasolina o item de maior peso relativo dentro do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

O Real, que foi a quinta moeda do mundo a sofrer maior desvalorização na primeira metade de 2024 (13,4%), passou por nova desvalorização nos primeiros dias de julho, e, a despeito do recuo nos dias subsequentes, tal processo ainda não acusa sinais de esgotamento. As origens deste fenômeno derivam de uma série de fatores como: (i) redução das expectativas de cortes nos juros dos norte-americanos; (ii) incertezas quanto às eleições norte-americanas; (iii) flexibilização das regras fiscais (16/04); (iv) queda das exportações; e (v) críticas do Poder Executivo à condução da autoridade monetária no Brasil.

**QUADRO II**  
**Taxa de Câmbio**  
(R\$/US\$)



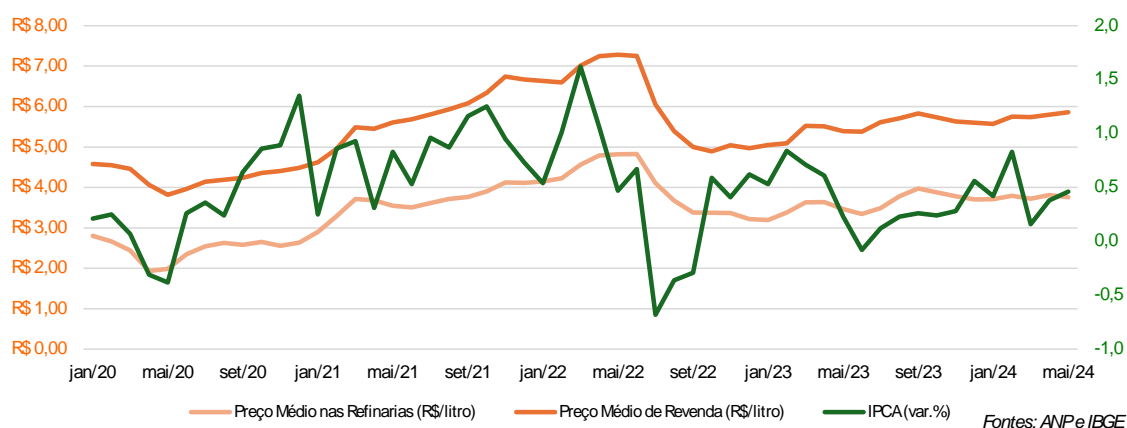
Fonte: Banco Central

Assim, diante da defasagem dos preços de combustíveis no mercado internacional, no início de julho, a Petrobras anunciou reajuste de +7,1% nos preços da gasolina nas distribuidoras – aumento equivalente a R\$ 0,20 por litro do combustível. Outro produto que também teve os

preços majorados nas refinarias foi o GLP (+9,8%) – primeiro do corrente ano. O último reajuste no gás de botijão ocorreu em 11 de março de 2022.

Atualmente, dos 377 itens pesquisados mensalmente pelo IBGE no cálculo do IPCA, a gasolina é o que apresenta o maior peso na apuração do índice referencial de inflação (5,1%) e o gás de botijão é o 19º (1,2% do IPCA). Entretanto, o impacto desses itens na inflação certamente irá além dos respectivos pesos, na medida em que esses preços têm uma capacidade de contaminação relativamente elevada sobre o valor de outros bens e serviços.

**QUADRO III**  
 PREÇO MÉDIO DA GASOLINA NAS REFINARIAS, NA REVENDA E IPCA  
 (R\$/litro e variação %)

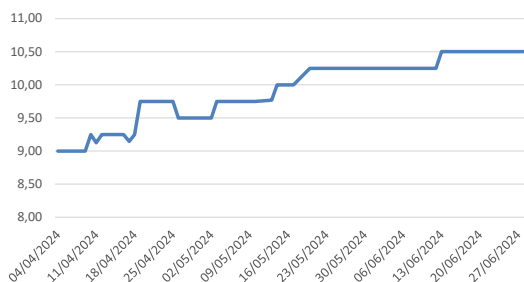


Essa significativa tendência de desvalorização tem repercutido nas expectativas quanto ao desempenho da economia brasileira até fim deste ano, o que certamente promoverá desdobramentos sobre o desempenho das vendas do varejo. Segundo Relatório Focus do Banco Central, nos três últimos meses a expectativa quanto à taxa básica de juros no fim de 2024 subiu de 9% ao ano para 10,50% ao ano. No mesmo período, a mediana das expectativas quanto à variação do IPCA de 2024 subiu de +3,77% para +4,02%.

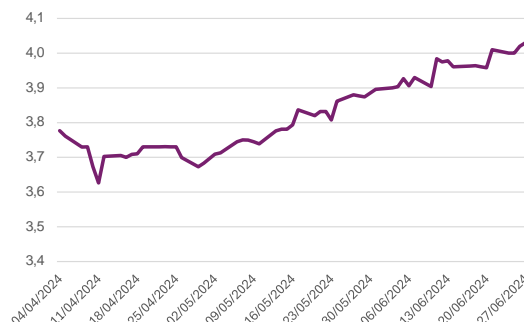
**QUADRO IV**

**EXPECTATIVAS NO RELATÓRIO FOCUS – INDICADORES SELECIONADOS**

Selic (8ª reunião do Copom em 2024 - % ao ano)



IPCA (% ao ano)



Fonte: BC

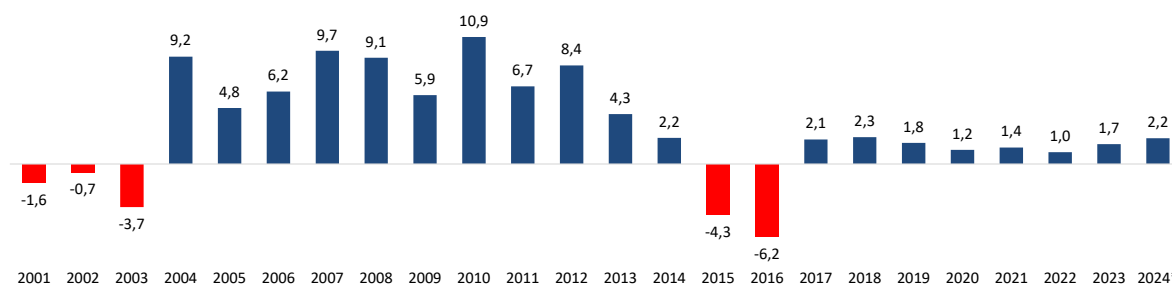
Todos os segmentos do varejo brasileiro são, em algum grau de intensidade, impactados pelo nível da taxa de câmbio, destacando-se os setores de combustíveis e lubrificantes, hiper e supermercados – segmentos que, juntos, respondem por 65% do faturamento anual do comércio varejista brasileiro.

Apesar de o segundo semestre contar com maior grau de incertezas, diante dos resultados recentes surpreendentemente positivos, a CNC ajustou de +2,1% para +2,2% sua expectativa de avanço do volume de vendas do varejo para 2024.

**QUADRO V**

**VOLUME DE VENDAS DO VAREJO**

(Variações % em relação ao ano anterior)



\*Projeção

Fontes: IBGE e CNC